
CONHECIMENTO E CIDADANIA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA. TRIBUTO A ÁLVARO E NÍDIA: REVISITANDO SUAS SEMENTES QUASE QUATRO DÉCADAS DEPOIS

KNOWLEDGE AND CITIZENSHIP IN THE CLASSROOM. TRIBUTE TO ÁLVARO AND NÍDIA: REVISITING THEIR SEEDS ALMOST FOUR DECADES LATER

Izabel Castanha Gil¹

A saudade é a nossa alma dizendo para onde ela quer voltar.
Rubem Alves

RESUMO: O relato de experiência rememora a convivência da autora com o professor Álvaro José de Souza, durante o tempo em que atuaram como representantes da disciplina de Geografia junto à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Ele, representando a delegacia de ensino (hoje diretoria de ensino) de Botucatu e ela representando a delegacia de ensino de Osvaldo Cruz. O período foi marcado pela criação e implantação da nova proposta curricular de Geografia, num esforço para sintonizar a educação básica à abertura democrática vivenciada pelo país nas décadas de 1980 e 1990. A professora Nídia Nassib Pontuschka ministrou vários cursos de prática de ensino, apresentando metodologias construtivistas, incentivando o protagonismo e o senso crítico do aluno. Atualmente atuando como docente no Centro Paula Souza, a autora apresenta algumas atividades avaliativas desenvolvidas com estudantes do ensino médio, nas aulas de Geografia, e com professores em formação, nas aulas de prática de ensino na UniFAI, fazendo uma reflexão acerca das metodologias desenvolvidas décadas atrás e sua capacidade de adaptação aos tempos atuais, demonstrando o seu compromisso com a ciência e com a pedagogia crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Nova Proposta Curricular de Geografia. Democratização. Pedagogia crítica e emancipatória. Atemporalidade. Tributo.

ABSTRACT: The experience report recalls the author's relationship with professor Álvaro José de Souza, during the time they acted as representatives of the discipline of Geography with the Secretary of Education of the State of São Paulo. He, representing the teaching station

¹ Graduada em Geografia, História e Pedagogia. Doutora em Geografia, com pesquisa em Desenvolvimento Regional. Mestra em metodologia do ensino de Geografia. É docente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e do Centro Universitário de Adamantina, em Adamantina – SP (UniFAI). E-mail: 57izabel@gmail.com.

Artigo recebido em maio de 2020 e aceito para publicação em junho de 2020.

(today the teaching directorate) of Botucatu and she representing the teaching station of Osvaldo Cruz. The period was marked by the creation and implementation of the new curricular proposal for Geography, in an effort to align basic education with the democratic openness experienced by the country in the 1980s and 1990s. The teacher Nidia Nassib Pontuschka taught several teaching practice courses, presenting methodologies constructivist, encouraging the protagonism and critical sense of the student. Currently working as a teacher at Centro Paula Souza, the author presents some evaluative activities developed with high school students, in Geography classes, and with teachers in training, in teaching practice classes at UniFAI, reflecting on the methodologies developed decades ago and its ability to adapt to current times, demonstrating its commitment to science and to critical and emancipatory pedagogy.

Keywords: New Geography Curriculum Proposal. Democratization. Critical and emancipatory pedagogy. Timelessness. Tribute.

APRESENTAÇÃO

Convivi com o professor Álvaro José de Souza durante alguns anos, quando éramos representantes da disciplina de Geografia das antigas delegacias (hoje diretorias) de ensino (DE) junto à CENP (Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas), órgão da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, entre 1984 e 1995. Ele representava a DE de Botucatu e eu representava a DE de Osvaldo Cruz. Profissional dedicado ao ensino, companheiro leal, pessoa humilde, solícita e extremamente cortês, gozava de profundo respeito e admiração entre os seus pares e entre os nossos superiores.

Nessa mesma fase, tivemos o prazer de conhecer a professora Nidia Nassib Pontuschka, da Faculdade de Educação da USP, que nos ministrou várias oficinas de prática de ensino em Geografia para o ensino fundamental e médio. Fazíamos parte de um movimento iniciado no governo de Franco Montoro, em 1984, cujo objetivo era arejar a educação com propostas curriculares mais críticas e mais dinâmicas, superando o tecnicismo atávico das décadas anteriores. Tínhamos o compromisso de reproduzir os novos princípios teórico-metodológicos aos professores das escolas das nossas delegacias de ensino e atuávamos também como capacitadores nas antigas diretorias regionais de ensino. Esse movimento pela implantação de novas propostas curriculares abrangendo todas as disciplinas escolares, com mais ou menos ênfase, estendeu-se durante os governos de André Franco Montoro, Orestes Quércia e Luiz Antônio Fleury (entre 1984 e 1995). Em fevereiro de 1995, também por meio de concurso público, ingressei no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CPS), exonerando-me da Secretaria Estadual da Educação em 1997.

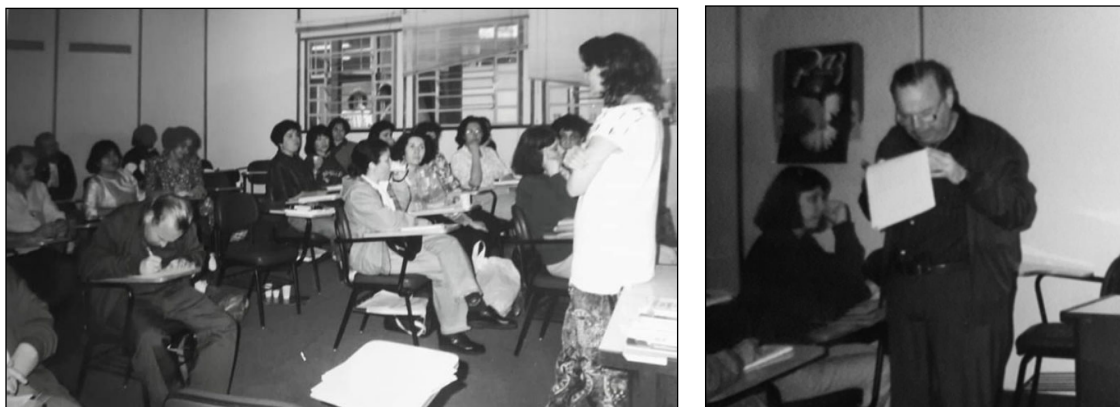


Figura 1. Esquerda: Momento de socialização das discussões realizadas em grupo. Prof. Álvaro sentado a minha frente, usando roupa marrom e, atrás dele, está o prof. dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira, coordenador das discussões acerca da nova proposta curricular de Geografia. À direita: prof. Álvaro lê documento assinado por todos nós, a ser encaminhado à Secretaria Estadual de Educação, reivindicando a continuidade do programa de formação de professores. São Paulo, outubro/1994.

E como o conhecimento é transfronteiriço, levei o que sabia (de conteúdo e de forma) para a outra rede pública em que fui atuar. Sementes lançadas com mãos firmes e certas, quando caem em terreno fértil, dão bons frutos e esses frutos geram sementes lançadas mais adiante, num movimento que se perpetua no tempo, eternizando o dom de promover a vida a muitas gerações. Este relato de experiência tem o humilde propósito de revisitar as sementes lançadas pelo amigo Álvaro e pela professora Nídia, como que prestando contas por vivências e aprendizados tão significativos. Seguindo o fluxo do tempo e, com ele, o movimento inevitável da sociedade, demonstra algumas adequações ao tempo presente, sem afastar-se da essência do compromisso com a Geografia escolar, com a escola pública e com a cidadania.

Selecionei três práticas com foco na formação de atitudes e valores e duas atividades mais específicas. Elas foram desenvolvidas com alunos do ensino médio, na ETEC Prof. Eudécio Luiz Vicente, em Adamantina, onde resido e trabalho atualmente. Uma delas foi aplicada a licenciandos do curso de Geografia da UniFAI, na disciplina de Metodologia de ensino, pautando-me no compromisso de levar adiante os fundamentos e as vivências de metodologias comprometidas com a formação técnica e cidadã do futuro professor. Destaco os desafios vivenciados por uma geração de professores formados num regime altamente centralizador e reprodutivista para abrimo-nos à pedagogia progressista, que, nas ciências humanas, tem como paradigma o materialismo histórico e dialético.

O fio condutor deixava de ser o ensino livresco, meramente reprodutor do conhecimento, para colocar o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem. Valendo-nos da dialética do próximo e do distante, o espaço vivido tornou-se o ponto de partida e de chegada desse conhecimento, ressignificando as experiências cotidianas com olhar crítico e saber teórico.

Antecedendo a LDB, promulgada em 1996 (Lei 9.394/1996), as novas metodologias preparavam os professores para a abertura democrática vivenciada pelo país. Mais afinadas com a contemporaneidade, preparavam as novas gerações de docentes para a era tecnológica e agora nos fortalecem para a sua implementação, de maneira tão intempestiva em tempos da pandemia provocada pelo coronavírus.

Uma das atividades selecionadas foi aplicada em 2016 e contempla a transição tecnológica, quando a escola ainda vivia profundos desencontros entre os jovens já nascidos no século XXI, altamente tecnologicizados e familiarizados com a cultura digital (embora sem

métodos para o seu uso) e professores característicos de uma geração de migrantes digitais. A outra, aplicada no início de 2018, quando já estava em curso o desmonte da educação e de tantos outros direitos duramente conquistados, convida os alunos para, a partir dos livros didáticos disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático Para o Ensino Médio (PNLEM), refletirem sobre cidadania, destacando seus direitos e seus deveres como estudantes e como cidadãos. A outra leva licenciandos dos cursos de Geografia a conhecerem a história da sua área de atuação como disciplina escolar, contribuindo para que revisitem a sua vivência escolar durante a formação básica e, agora, na condição de professorandos e estagiários nas escolas onde atuarão como profissionais.

O fazer pedagógico é complexo, dinâmico, multifacetado, plural. Requer conhecimento técnico, domínio de metodologias consagradas de ensino e aprendizagem e criação de outras tantas, ao sabor do assunto e da energia da turma. Ensinar requer, antes de tudo, atitude e paixão pelo que se faz. Sabe-se que a presentificação do conteúdo traz melhores resultados tanto no envolvimento quanto no interesse dos alunos.

Inúmeros e primorosos trabalhos já foram publicados acerca do ato de ensinar, das metodologias de ensino e aprendizagem, dos desafios inerentes à docência e tantas outras abordagens acerca de um universo chamado sala de aula. Aqui, retratarei algumas situações de aprendizagem, cuja intenção é aproximar teoria e prática, conhecimento específico e formação integral, razão e sensibilidade, bem ao estilo dos mestres Álvaro e Nídia. Não me preocupei em apresentar os fundamentos teóricos dessas metodologias, pois esse tipo de texto tem aderência entre aqueles que já os conhecem: os professores. Assim como ocorre na sala de aula, os fundamentos teóricos estão diluídos nas atividades selecionadas ou criadas pelo professor. Nelas estão presentes, subliminarmente, os objetivos pré-definidos e toda a visão de mundo que permeia o seu fazer pedagógico.

CONSTRUINDO PRINCÍPIOS E REGRAS PARA O CONVÍVIO EM SALA DE AULA

Antes das atividades específicas de Geografia apresento duas situações de aprendizagem, que se caracterizam como comportamentais e atitudinais, adaptando-se à transversalidade. Elas são importantes porque estabelecem princípios, valores e regras para o convívio entre professores e alunos e entre os próprios alunos, perpassando, portanto, as relações verticais e horizontais.

Experiência 1

O contrato social entre a professora e os alunos

Na primeira aula do ano letivo, junto com as apresentações pessoais nas turmas dos primeiros anos do ensino médio, costumo construir com os alunos as regras que direcionarão todas as aulas, particularmente estabelecendo princípios e referências que mediarão as relações professor aluno. Nas séries seguintes, o contrato é reforçado dando unidade e coerência a essas relações. A construção ocorre na lousa e a síntese é registrada no caderno. As turmas dos primeiros anos são bastante heterogêneas, provenientes de várias escolas da rede pública e da rede particular de ensino, uma vez que o Centro Paula Souza não oferece o ensino fundamental e várias ETEC polarizam os municípios do entorno. Ao definir valores de conduta e, também, alguns procedimentos comportamentais e operacionais, essa prática estabelece limites, convida o aluno para a corresponsabilidade e favorece a construção da unidade da turma.

Nossas regras de convivência neste ano letivo, nas aulas de Geografia	
Esforços da professora para oferecer - ensino atualizado e metodologias atraentes. - relação de respeito e confiança com os alunos. - oportunidade para o exercício da autogestão: proatividade, empatia, cooperação, saídas da sala de aula com responsabilidade. - desenvolvimento da aula em condições normais no tom de voz (anomias serão resolvidas com o silêncio da professora, até que se restabeleça a normalidade para que a aula aconteça).	Esforços dos alunos para oferecer - participação proativa nas aulas. - relação de respeito e confiança com a professora e com os demais colegas. - curiosidade. - exercício de autogestão. - solidariedade universal (evitar anomias é uma forma de poupar as energias da professora, favorecendo alunos de outras turmas e também de outros períodos).
Decisão consensual acerca do uso de telemóveis: durante a aula eles serão utilizados como ferramenta de busca de informações, com a permissão do professor; no final da aula seu uso será livre.	

Experiência 2

Autogestão: vivências práticas

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que se caracteriza por evidências de comportamentos mais contestadores, provocativos, desafiadores. Não há receitas prontas, mas alguns procedimentos do professor podem facilitar o convívio, ao mesmo tempo em que oportunizam aprendizados significativos. Em tempos de democratização no acesso aos aparelhos eletrônicos para comunicação, as escolas têm buscado formas de gerir a presença e o uso deles na sala de aula. Há posicionamentos mais e menos flexíveis, quase sempre deixando para o professor a liberação ou não desses aparelhos em suas aulas.

A observação mais apurada dos acessos indica que os meninos, majoritariamente, acessam jogos e as meninas acessam redes sociais. Na escola em que atuo, cerca de 50% dos alunos têm acesso à internet ilimitada, o que acaba dificultando o desenvolvimento de atividades com pesquisas online. Quando ela é necessária, reservamos algum laboratório de informática. Algumas vezes, formam-se grupos a partir do número de estudantes com acesso à internet, naquele momento.

Uma forma de gerir o uso indesejado ou inadequado dos aparelhos está no contrato social estabelecido no início do ano letivo e na coerência em segui-los. Uso alguns minutos no início de cada aula para organização da sala, quando os alunos devem guardar seus aparelhos em suas mochilas. Se o uso for necessário para alguma consulta rápida, alguns alunos logados o fazem, passando as informações à turma. Nesse momento, a professora retira o som do seu aparelho e o guarda em sua pasta.

Historicamente, os momentos de avaliação costumam ser tensos. Em minhas aulas procuro diversificar os instrumentos avaliativos durante o bimestre. Há situações que priorizam a cooperação (*aprender juntos*) e outras que priorizam a aferição do conhecimento (*quanto eu aprendi, quanto meu aluno aprendeu*). Como cooperação citam-se atividades em grupo intra e extraclasse, apresentações orais, elaboração de audiovisuais e outras. Nessas circunstâncias os aparelhos eletrônicos são grandes aliados tanto no levantamento de informações quanto no desenvolvimento dos trabalhos. Há orientações acerca das estratégias para trabalho em grupo, como definição de um líder da equipe, divisão de tarefas, atenção com as fontes de pesquisa e com a segurança digital, revisão textual, atenção ao prazo de entrega e ensaios antes das apresentações. As TIC superaram as limitações que dificultam alguns encontros físicos fora do horário escolar, porém, exigem organização, comunicação virtual e domínio técnico dos recursos tecnológicos.

O momento da aferição tem outra característica: “*quanto eu aprendi?*”, pergunta-se o estudante. “*Quanto o meu aluno aprendeu acerca do que eu ensinei?*”, pergunta-se o professor. Ao redigir as provas, costumo enfatizar a autoria tanto minha quanto dos alunos. Elas contemplam a aplicação prática dos principais conceitos em situações reais apresentadas em fragmentos de textos jornalísticos ou analíticos, fotografias ou charges de episódios atuais relacionados ao tema,

estrofes musicais e outros recursos, aproximando-se das questões apresentadas em vestibulares, ENEM e concursos públicos cujas provas demonstram compromisso com a criticidade do candidato. Além da percepção conceitual, eles devem demonstrar análise crítica acerca do fenômeno representado e capacidade de síntese em suas respostas.

O momento da aplicação da prova de aferição pode ser também momento de autogestão para uma geração altamente dependente do aparelho celular e de valores éticos mais flexíveis. Algumas escolas recomendam que os celulares sejam dispostos sobre a mesa do professor ou na canaleta da lousa. Recomendam também mudar os alunos de lugar. Eu prefiro não fazer nenhuma alteração na organização rotineira da sala, proporcionando-lhes a oportunidade do autocontrole: “*eu posso colar e ou repassar respostas, mas eu devo?*” Um momento ímpar para se aplicar o princípio das três peneiras de Sócrates: verdade, bondade e necessidade. Vivemos a era da facilidade do acesso à informação. Um dos desafios da escola é transformá-lo em conhecimento e em torná-lo significativo para a formação do caráter.



Figura 2. Atividade com estímulo à cooperação aplicada a turmas de 1º ano do Ensino Médio, em 2019

Experiência 3

Educação pública e gratuita. Você sabe o valor da escola pública?

Você já parou para avaliar o que significa confiar a sua formação a uma escola pública e gratuita? Veja o comparativo e tire as suas conclusões. A educação básica é um direito do cidadão e um dever do Estado, garantidos por lei. Imagine o que isso significa ao longo dos nove anos do ensino fundamental, mais os três anos do ensino médio. Além dos não desembolsos financeiros diretos existem outros ganhos dos quais você irá se beneficiar, principalmente quando ingressar no ensino superior. Com histórico de desigualdades bastante acentuado, sabemos que a universidade pública brasileira ainda privilegia as elites. Essa realidade, no entanto, mudou um pouco nos últimos anos e muitos estudantes oriundos das classes populares já podem usufruir de algumas conquistas. Especialmente aqueles que sempre estudaram em escola pública. Se você faz a sua formação em uma escola pública, conheça alguns dos seus direitos.

<ul style="list-style-type: none">- Isenção da taxa de inscrição no ENEM.- Isenção da taxa de matrícula em universidades públicas.- Bonificação na média obtida em processos seletivos de algumas universidades.- Cota de vagas para afrodescendentes.- Moradia universitária mediante comprovação de rendimentos familiares, de acordo com as regras da instituição pleiteada.	<ul style="list-style-type: none">- Bolsas de iniciação científica.- Bolsas sociais para custeio básico durante a vivência universitária.- Participação em programas de intercâmbio internacional voltados à complementação escolar.- Fortalecimento do currículo com o histórico escolar obtido em uma instituição pública.
---	---

Além dessas e outras vantagens tão importantes para a formação profissional universitária, devem-se considerar os doze longos anos da infância e da adolescência dedicados à formação básica. Enquanto você estuda seus pais trabalham e, com os rendimentos, atendem as necessidades de consumo da família. Como estudante de uma instituição pública você não paga as mensalidades escolares diretas, mas você paga o chamado custo indireto, uma vez que o funcionamento do sistema educacional gratuito prescinde da arrecadação de impostos (aqueles embutidos no valor das mercadorias).

O quadro abaixo sintetiza o cálculo aproximado dos investimentos educacionais feitos em um jovem do ensino médio em Adamantina/SP, comparando o ensino privado e o ensino público. Se você é um dos felizardos por frequentar uma escola pública gratuita e de qualidade, contribua para que ela seja ainda melhor. Valorize esta rica oportunidade.

Ensino público gratuito X ensino privado. Comparativo do investimento familiar em Adamantina/SP (fevereiro de 2018)					
Referência	Itens	Ensino privado (unitário/ano)	Total R\$ (3 anos)	Ensino público	Tributação média direta de 35% (contida no consumo)
Família com rendimento médio de 3,5 salários mínimos	Mensalidades sem material escolar (36 meses) em R\$	1.200,00	43.200,00	—	1.168,65 (anual)
		14.400,00			3.505,95 (3 anos)
	Livro didático enviado pelo PNLD ¹ (11 livros por ano)	160,00	5.280,00 ¹	—	
		1.760,00			
Valor do salário mínimo nacional em fev. 2018 = R\$954,00	Transporte ² em R\$	154,00 mês	4.620,00	—	
		1.540,00 (10 meses)			
Total: R\$3.339,00	Merenda escolar ³ em R\$	5,00 (dia)	3.000,00	—	
		1.000,00 (1 ano)			
Total			51.948,24 + 3.505,95 de tributos = 55.454,19	00,00 + tributos = 3.505,95	
Estudante do ensino médio em escola particular, em Adamantina/SP. Investimento mensal médio = R\$1.540,40					
Estudante do ensino médio da ETEC Prof. Eudécio Luiz Vicente, de Adamantina/SP. Investimento mensal médio = R\$97,38					

Fonte: Custos escolares médios nas escolas privadas de Adamantina e sites comerciais de venda de livros didáticos, em fevereiro de 2018. Tributação média: <http://www.fiepr.org.br/sombradoimposto/veja-o-quanto-voce-paga-de-imposto-1-14466-115735.shtml>

1. PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). A distribuição é gratuita. Para efeito de comparação, considerou-se o preço comercial médio de um livro didático (volume único) para o ensino médio. Por ser distribuído apenas nas escolas públicas, o valor dos livros didáticos não foi considerado na soma dos investimentos em um estudante de escola privada.

2. Considerou-se o transporte de ônibus urbano da cidade de Adamantina, em 200 dias letivos.

3. Consideraram-se apenas o valor de um lanche, sem complemento de suco, refrigerante ou água e o calendário escolar de 200 dias letivos.

AVALIAÇÃO DE GEOGRAFIA. REVISITANDO UM CLÁSSICO EM TEMPOS DE DISRUPÇÃO TECNOLÓGICA

A prova tem características de avaliação diagnóstica e também formativa, uma vez que se apresenta como meio e não como fim. A professora tinha a intenção de detectar quanto cada aluno aprendeu acerca dos conceitos trabalhados acerca do assunto formas de organização

do trabalho. Para isso, procurei retomar o clássico **Tempos Modernos** (de Charles Chaplin) e compará-lo com os dias atuais. As questões estimulavam a reflexão e, ao final, deveriam elaborar uma pequena síntese tendo a si mesmo como agente principal. Na aula posterior à prova, quando fomos comentá-la, abrimos um caloroso debate.

Avaliação de Geografia aplicada a alunos do 2º ano do Ensino Médio, em 2017

Observe as imagens e leia as informações com atenção.



Cenas do filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. 1936.

Tempos Modernos. Sinopse (breve resumo)

Chaplin trabalha em uma fábrica, na qual tem um colapso nervoso por trabalhar de forma escrava. É levado para um hospício, e quando retorna para a “vida normal”, para o barulho da cidade, encontra a fábrica já fechada.

Enquanto isso, uma jovem tem que realizar furtos para sobreviver. Em busca de outro destino, acaba se envolvendo numa confusão: ele é tomado como o líder comunista por trás da greve e acaba sendo preso. Ele tem que arrumar um emprego rapidamente. Consegue um emprego numa outra fábrica, mas logo os operários entram em greve e ele mete-se novamente em perigo. No meio da confusão, vai preso ao jogar sem querer uma pedra na cabeça de um policial.

A jovem consegue trabalho como dançarina num salão de música e emprega seu amigo como garçom. Também não dá certo, então os dois seguem, numa estrada, rumo a mais aventuras.

Lançamento, em 1936

O filme foi censurado em vários países, como na Alemanha Nazista, por conta de suas citações sobre o comunismo e a socialdemocracia. O filme foi também criticado pela sociedade americana por causa das mesmas citações comunistas e socialdemocratas como críticas à Revolução Industrial, principalmente pelos industriais. Outro ponto a citar, é que o filme é um tanto futurista, já que várias tecnologias presentes nele não existiam na época.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tempos_Modernos

O aluno Renan, do 2º ETIM, contribuiu para que assistíssemos ao clássico filme *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin. Ele baixou, gravou e disponibilizou seu pen-drive, facilitando o trabalho da professora. Após o filme, fizemos um debate em sala de aula. Com base no filme, nos debates, nas leituras do livro didático, e em seus conhecimentos, responda o que se pede.

1. As imagens selecionadas no início do texto referem-se a uma cena em que os protagonistas do filme, com fome e com frio, imaginam como seria a vida numa casa confortável e farturosa. Carlitos (personagem representado por Chaplin) imagina que seria uma dádiva se pudesse colher frutas na janela ou na porta de sua casa. Seria maravilhoso se uma vaca acionada pelo pensamento se deslocasse até a porta da casa para que o leite fresquinho caísse diretamente numa jarra colocada sob os seus úberes. Considerando que Chaplin era uma pessoa à frente do seu tempo, vamos atualizar seus pensamentos. O momento atual facilita o contato entre

os consumidores e os fornecedores. Leia com atenção as afirmações apresentadas e escolha a alternativa correta. I. Na época em que o filme foi produzido, os Estados Unidos viviam o auge do chamado modelo fordista. A produção em série reduz o custo, facilitando o acesso ao consumo. Nessa época, surgiram as grandes redes de supermercados, com o intuito de atender as necessidades dos consumidores. Como consequência, houve a perda de habilidades manuais, como cozinhar, costurar, confeccionar os próprios móveis, entre outras.

II. Frutas na janela e vacas ordenhadas na porta de casa foram e continuam sendo miragens de Chaplin. A vida na cidade, especialmente em apartamentos, não permite esses devaneios. III. Os drones podem se constituir na versão contemporânea das miragens de Chaplin. Uma vez regulamentados, eles podem trazer alguns alimentos até a casa do cliente, que fez o pedido remotamente. Devido a sua praticidade e precisão, a entrega pode ser feita pela janela. Tudo é uma questão de criatividade e inovação. Está(ão) correta(s)

a) I, II e III b) I e II c) I e III d) II e III

2. Descrição das imagens. 1. Seleção de frutas em uma agroindústria. 2. Alimentos transgênicos (geneticamente modificados) são cada vez mais comuns em nosso cotidiano. 3. Agricultor cultiva alimentos sem ajuda de máquinas.

Imagem 1



Imagem 2



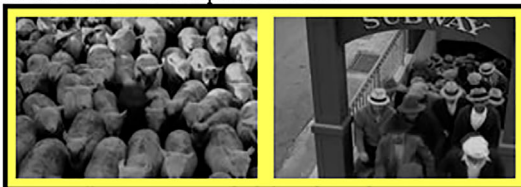
Imagem 2



Identifique a alternativa que relaciona a sequência correta das imagens com as revoluções industriais.

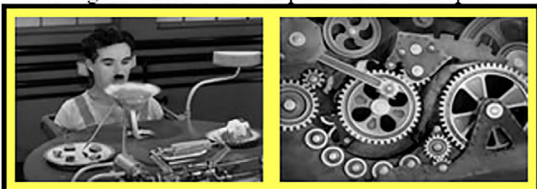
- a) 1. Esteira rolante/2ª Rev. Industrial. 2. Forte presença da ciência nas atividades econômicas/3ª Rev. Ind. 3. Agricultura manual/antes da 1ª Rev. Industrial.
b) 1. Alimentos geneticamente modificados/4ª Rev. Ind. 2. Alimentos contaminados/2ª Rev. Ind. 3. Agricultura orgânica/4ª Rev. Industrial.
c) 1. Dependência do mercado/1ª Rev. Ind. 2. Alimentos turbinados com adição de vitaminas. 3. Agricultura moderna/3ª Rev. Industrial.

3. Qual a melhor legenda para as duas imagens exibidas no início do filme Tempos Modernos?



- a) Ovelhas e homens não são a mesma coisa.
b) Como ovelhas dóceis, o fordismo faz com que os trabalhadores alienados pelo trabalho repetitivo nas linhas de montagem, não percebam o quanto são explorados.
c) A robotização implantada pelo toytismo libertou os trabalhadores do trabalho repetitivo.
d) A 1ª Revolução Industrial transformou os trabalhadores em seres dóceis, como as ovelhas.

4. As imagens selecionadas não permitem afirmar que



- a) como engrenagens de uma máquina, os trabalhadores organizaram-se em sindicatos para lutar por direitos trabalhistas básicos, como descanso semanal remunerado, férias, aposentadoria e outros.
b) a sátira representada na máquina de alimentar os trabalhadores faz referência à coisificação do trabalhador, muito presente no modelo fordista.
c) o avanço tecnológico promove crescimento e desenvolvimento econômico, porém, prova o chamado desemprego estrutural.
d) alguns países reduziram a jornada de trabalho diária e semanal como forma de reduzir o impacto do desemprego.
e) o modelo fordista exigia alta qualificação profissional. Isso estimulou o fim do analfabetismo no mundo.

5. Leia com atenção as afirmações apresentadas.



- I. Os impactos ambientais começaram a acontecer, no mundo, após a 1ª Revolução Industrial.
II. O aquecimento global, tão divulgado atualmente, inicia-se com a 1ª Rev. Industrial. A queima de combustíveis fósseis tem grande responsabilidade nesse fenômeno.
III. Os depósitos de pneus velhos expressam, unicamente, a irresponsabilidade dos donos de veículos automotivos.
IV. O nosso modelo de sociedade, baseado no consumo e no crédito, provoca a exploração intensiva de recursos naturais e o descarte também intensivo de produtos industrializados. Está(ão) correta(s) a) Apenas I e II. b) Apenas II e IV. c) apenas I, II e III. d) I, II, III e IV.

6. Vivemos num mundo de contradições. Ao mesmo que temos maiores opções de conforto, os empregos parecem diminuir a cada dia. Considerando a 4ª Revolução Industrial, a internet das coisas e as transformações disruptivas, que vivemos hoje, é possível transformar desafios em oportunidades? A seu ver, quais são alguns dos principais desafios da nossa era? Procure identificar maneiras práticas para justificar a sua resposta.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES. CONHECENDO A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

Nesta atividade proposta para o quinto termo de Geografia da UniFAI, os futuros professores deveriam ler acerca do tema em estudo e decodificá-lo em diferentes linguagens: linha do tempo, videoaula, síntese narrativa e texto de opinião. As fontes de pesquisa contemplaram aquelas disponíveis online e também alguns livros disponíveis na biblioteca da faculdade. Após essa etapa, abrimos uma discussão muito produtiva, pois as leituras e as diferentes formas de representação os municiaram com argumentos consistentes, transformando-os em protagonistas no processo de ensino e aprendizagem.

A trajetória da Geografia como disciplina escolar

Você escolheu uma área nobre para a sua primeira formação de nível superior: a área de Ciências Humanas. Nela, você escolheu Geografia, a ciência que estuda a relação sociedade natureza. Nesse universo tão vasto, você escolheu o ensino de Geografia como sua área de atuação, então, vamos conhecer alguns aspectos dessa disciplina escolar: por que estudamos Geografia no ensino fundamental e médio? Quando essa disciplina se tornou obrigatória no currículo escolar brasileiro? Qual país a instituiu inicialmente na formação básica? E a formação do professor dessa disciplina, que trajetória teve no Brasil? Os pressupostos teórico-metodológicos sempre foram os mesmos? O ensino de Geografia que você teve na formação básica será o mesmo que você deverá repassar aos seus alunos? Veja quantos questionamentos podem instigar um bom debate.

O que fazer?

1. Leia, ao menos, três fontes elencadas. Você poderá procurar outras fontes também.
2. Decodifique a evolução do ensino de Geografia no Brasil nas formas sugeridas.
 - a) Elabore uma linha do tempo (se possível usando um modelo online) destacando os principais períodos e suas características.
 - b) Grave um vídeo de até cinco minutos em forma de uma aula enxuta que daria a seus alunos, explicando a evolução do ensino de Geografia.
 - c) Redija uma síntese de até trinta linhas, como se fosse publicar no jornalzinho da escola, contando a evolução do ensino de Geografia no Brasil. Observação: ao final do seu texto, cite as fontes consultadas para a sua redação, usando as regras indicadas no Manual UniFAI para referências bibliográficas.
2. Agora que você já conheceu a evolução do ensino de Geografia no Brasil, rediga um artigo de opinião, em até trinta linhas, comentando a sua experiência como aluno de Geografia na escola básica (ensino fundamental e médio), a sua formação no curso de Geografia e como deverá ser a sua atuação como professor dessa disciplina escolar. O trabalho poderá ser feito em grupo de até três alunos. Use as fontes de pesquisa apresentadas sugeridas para as aulas e consulte outras de livre escolha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde estão Álvaro e Nídia nesse relato de experiência? Há que se extrair a essência de ambos, aquilo que lhes marcavam a atuação profissional e os atributos pessoais. Eram pessoas extremamente comprometidas com o ensino, especialmente com a escola pública; comprometidas com a Geografia como ciência e como disciplina escolar. Engajadas em ações de cidadania e na emancipação dos alunos como cidadãos. Focadas em metodologias atraentes, que trouxessem o aluno para o centro do processo de ensino e aprendizagem. Atuantes num tempo ainda sem os recursos tecnológicos de hoje, usavam a modernidade de sua época: jornais, filmes, programas de TV. E livros, claro, muitos livros. Incentivavam o jornalzinho na escola como forma de socialização do conhecimento adquirido e esses registros eram também estímulos à autoria. Incentivavam os debates como forma de ampliar a percepção e de expressar os diferentes pontos de vista. Praticavam a cooperação e a estimulavam em sala de aula. Tinham os colegas como parceiros, colaboravam com os seus superiores, sem ser-lhes subservientes.

Eles estão presentes, portanto, na prática pedagógica de cada professor comprometido com o papel transformador da escola. Presentes também naqueles profissionais da educação que não dissociam a sua atuação como professor e como pesquisador, sintonizando-se com a realidade do seu tempo e solidarizando-se com o dever de contribuir com a redução das desigualdades sociais, consequentes de processos históricos altamente concentradores de riquezas e apropriadores desmedidos da terra e dos recursos naturais.

Onde houver compromisso com a liberdade, com a democracia e com a escola pública, onde houver um/a professor/a preocupado/a com metodologias atraentes e emancipatórias, particularmente nas aulas de Geografia, lá estarão Álvaro e Nídia olhando pela janela e aplaudindo seus colegas de todas as idades porque seus princípios são universais e suas aplicações são atemporais. Adaptam-se à realidade de cada tempo e aos recursos de qualquer escola, pois são permeadas de modernidade, ciência, compaixão e amor ao ato de ensinar e de aprender.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 3 ed. Brasília, 2001.
- FERNANDES, M. J. da Silva. **A geografia como disciplina escolar: breve trajetória**. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/54/A%20Geografia%20como%20Disciplina%20Escolar%20Breve%20Trajet%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- GABRELON, Anderson. **A trajetória do ensino de geografia no Brasil**. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404407707_ARQUIVO_CBG_2014_GABRELON_Atrajetoriadoensinodegeografia.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.
- LABLACHE, Paul Vidal de. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Edições Cosmos. 1954.
- MORAES, Antônio C. R. de. **Geografia: pequena história crítica**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- NADAI, Elza. Estudos sociais no 1º grau. **Em Aberto**. Brasília, v. 7, n. 37, p. 1-16, jan./mar. 1988.
- PEREIRA, Raquel M. F. do Amaral. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1999.
- PONTUSCKHA, Nídia N. **A disciplina escolar e os currículos de geografia**. Disponível em: <http://cerebropedagogico.blogspot.com/2010/03/disciplina-escolar-e-os-curriculos-de.html>. Acesso em 30 abr. 2020.
- SÃO PAULO (Estado). CEETEPS/CETEC. **Proposta curricular de geografia**. 1998.
- SÃO PAULO (Estado). SEE/CENP. **Proposta curricular de geografia**. 1989.